

Educação e modernidade

- 3 FEV 1995

O GLOBO

VANILDA PAIVA

Tem sido dito que a educação tornou-se o elemento central capaz de assegurar a inclusão dos indivíduos e dos povos na modernidade. De fato, nos últimos anos o campo educacional voltou a ocupar um lugar de relevo nas considerações sobre o desenvolvimento econômico, social e político. E se nunca pairaram dúvidas a respeito do valor econômico da educação, hoje a questão se coloca num novo nível em função do rápido desenvolvimento da tecnologia e seu impacto sobre a estrutura produtiva e sobre a vida cotidiana.

Ao contrário do que ocorria nos anos 50/60, a economia da educação já não pretende mais medir de forma estrita diferenciais de rendimento supostamente gerados por diferenciais em educação — até porque a abundância de diplomas provocada pela revolução educacional das últimas quatro décadas (malgré diferenças entre países, regiões, áreas de conhecimento e níveis de ensino), associada a um processo de reordenamento social das profissões, desmoralizou os **approaches** tradicionais nesta matéria. Também o fracasso do planejamento educacional em muitos países do mundo ao longo dos anos 60/70 permitiu a geração de certo consenso em torno da ideia de que as funções econômicas da educação se cumprem não diretamente, mas através do atendimento das demais funções sociais do sistema educacional.

Não se trata, portanto, de um retorno das velhas ideias que relacionaram educação, economia e sociedade. Estamos frente a situações novas e complexas propiciadas por dobramentos surpreendentes da tecnologia e seus impactos sobre o mundo da produção e sobre a vida social, cultural e política. Este é o cerne de um intenso debate sobre a questão educacional no mundo desenvolvido.

Pode-se argumentar que, num país como o Brasil, a reestruturação produtiva não seria tão ampla a ponto de cobrar validade para considerações feitas alhures ou que as mesmas poderiam ser apenas parcialmente pertinentes. Quem assim ra-

ciocina esquece ou desconhece que a **ponta** gera ideias que tendem a se espalhar pelas sociedades não apenas como necessidade imediata, mas como ideologia e como indicador de exigências futuras que assumirão forma concreta caso se avance no processo de difusão e utilização de novas tecnologias.

Tal antecipação, no caso da educação, setor que demanda muitos anos para colocar no mercado o seu "produto", pode mostrar-se fundamental na elaboração de estratégias de integração na ordem econômica contemporânea.

‘A questão da democratização do ensino adquiriu, assim, nova importância’

A questão da democratização do ensino adquiriu, assim, nova importância. No entanto, mais que oportunidade de acesso ao sistema de educação, trata-se agora da democratização da qualificação efetiva (e não meramente formal), o que coloca em destaque a qualidade da educação a todos os níveis. Em especial a qualidade do ensino básico tornou-se central porque dele depende não só a capacidade do conjunto da população de responder pronta e adequadamente a demandas e imposições do mundo moderno em sua vida cotidiana, mas também sua possibilidade de adquirir posteriormente e em outros níveis, com sucesso, conhecimentos e habilidades num patamar que possibilite sua inserção em situações sociais, políticas e econômicas crescentemente complexas.

Não basta reconhecer que as transformações por que vem passando o mercado de trabalho multiplicaram as perspectivas de engajamento no mundo produtivo, atingindo em

cheio a padronização do tempo, local de trabalho e salários, propiciando ou multiplicando situações intermediárias novas e exigindo mais iniciativa, inventividade e qualificação para enfrentá-las. Frente à velocidade dos meios de comunicação e à multiplicação das informações geraram-se também novas dinâmicas sociais e políticas, que trazem com elas elevada complexificação da vida social e da qualificação que ela termina por exigir de cada membro da sociedade contemporânea.

Isto significa dizer que **qualidade** passou a identificar-se com **qualificação real**, como efetiva competência passível de comprovar-se na prática e não necessariamente através de diplomas. Interessa menos a contabilização dos anos de escolaridade do que aquilo que cada um efetivamente sabe fazer.

Mas esse "saber fazer" básico vai muito além de conhecimentos instrumentais e de conteúdo; inclui competências mais amplas de natureza sócio-motivacional, atitudes e disposições que facilitem a vida e o trabalho em cooperação e que contribuam para entender o mundo de hoje e adaptar-se às mudanças.

O sistema educacional brasileiro está longe de poder atender aos requisitos da modernidade. Embora a revisão das estatísticas tenha permitido constatar que o país se encontra, em termos quantitativos, em situação muito mais confortável que aquela anteriormente suposta, o sistema apresenta um elevado nível de ineficiência enquanto transmissor de conteúdos e de conhecimentos instrumentais (como a leitura, a escrita e o cálculo) — isto para não falar das demais virtudes e competências sociais hoje demandadas.

O caminho da integração vantajosa na nova ordem mundial passa por uma revisão do sistema de educação em sua base, de modo a assegurar não apenas a universalização do direito à educação básica mas a efetividade e a qualidade do ensino oferecido.

Este é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelo Brasil nos anos que nos separam do final do milênio.

Vanilda Paiva é doutora em educação pela Universidade de Frankfurt e professora da UFRJ